

207
DIRECTOR
ARMANDO
VIEIRA
PINTO

14

Movimento

QUINZENARIO
— CINE —
MATOGRAFICO

1\$5



GADO BRAVO

**GRANDE FILME
PORTUGUEZ**

P O R T O**L I S B O A****C O I M B R A**

SÃO JOÃO
MATINÉE DE 18 OU 25 DE JANEIRO DE 1934
50 %
2 ENTRADAS

O D E O N
QUALQUER MATINÉE ATÉ 30 DE JANEIRO
50 %
1 ENTRADA

CENTRAL
MATINÉE DE 19 OU 26 DE JANEIRO
50 %
1 ENTRADA

CONDES
QUALQUER MATINÉE (Excepto aos Domingos) ATÉ 30 DE JANEIRO
25 %
1 ENTRADA

TIVOLI
MATINÉE DE 21 OU 28 DE JANEIRO DE 1934
30 %
1 ENTRADA

TEATRO AVENIDA
MATINÉE DE 21 OU 28 DE JANEIRO DE 1934
30 %
1 ENTRADA

B R A G A**A V E I R O**

TEATRO-CIRCO
MATINÉE DE 21 DE JANEIRO DE 1934
50 %
1 Entrada de plateia

TEATRO-CIRCO
MATINÉE DE 28 DE JANEIRO DE 1934
50 %
1 Entrada de plateia

TEATRO AVEIRENSE
MATINÉE DE 21 DE JANEIRO DE 1934
30 %
1 ENTRADA

TEATRO AVEIRENSE
MATINÉE DE 28 DE JANEIRO DE 1934
30 %
1 ENTRADA

T O M A R**F I G U E I R A D A F O Z****O V A R**

— TEATRO — DE TOMAR
MATINÉE DE 18 DE JANEIRO DE 1934
25 %
1 ENTRADA

— TEATRO — DE TOMAR
MATINÉE DE 25 DE JANEIRO DE 1934
25 %
1 ENTRADA

TEATRO PENINSULAR
SOIRÉE DE 18 DE JANEIRO
30 %
1 ENTRADA

TEATRO PENINSULAR
SOIRÉE DE 25 DE JANEIRO
30 %
1 ENTRADA

CINE-OVAR
MATINÉE DE 18 DE JANEIRO DE 1934
50 %
1 ENTRADA

CINE-OVAR
MATINÉE DE 25 DE JANEIRO DE 1934
50 %
1 ENTRADA

**Vila do
Conde****A L G É S****Famalicão Quebrada****C r u z**

TEATRO AFONSO — SANCHES —
QUALQUER MATINÉE ATÉ 30 DE JANEIRO
50 %
1 ENTRADA

CINEMA KURSSAL
ESPECTACULO DE 24 DE JANEIRO
50 %
1 ENTRADA

CINEMA KURSSAL
ESPECTACULO DE 31 DE JANEIRO
50 %
1 ENTRADA

TEATRO OLIMPIA
QUALQUER SESSÃO DE 15 A 31 DE JANEIRO DE 1934
40 %
1 ENTRADA

CINE-PRAIA
QUALQUER ESPECTÁCULO ATÉ 30 DE JANEIRO
20 %
1 ENTRADA

**movimento**

_____ número 14

quinzenário cinematográfico

_____ 15 de Janeiro

_____ 1 9 3 4

capa, comp. e imp. da

tip. costa carregal

tr. passos manuel, 27

p ô r t o

propriedade de

armando e armando

assinaturas:

6 números — 9\$00

12 números — 18\$00

avulso 1\$50

_____ administrador e editor: armando barros _____

redacção e administração: rua elisio de melo, 28—sala 4—pôrto

_____ este número foi visado pela comissão de censura _____

A sedução das estrêlas de cinema



June Vasek, a gentil vedeta da Fox Pictures, deve a fascinação dos seus lindos olhos ao

Produto

Nally

RIMENAL

Preço

7 \$ 5 0

Vende-se nos bons estabelecimentos do Paiz

Sociedade de Perfumarias de Nally, L.^{da} — Filial no Porto: Rua Sá da Bandeira, 136-2.º-Telef. 6164

Dize-me quem és

Um agradável filme musical com LIANNE HAID, OLLY GEBAUER, VICTOR KOWA e FRITZ SCHULTZ



DIZE-ME QUEM ÉS, que se estreará, no Carnaval, no Cinema S. João, é uma opereta cinematográfica, cheia de movimento, de frescura, de bonitas canções e de lindas mulheres.

Distribuição SONORO FILMES



O Diabo seja surdo...

(TOUCHONS DU BOIS)

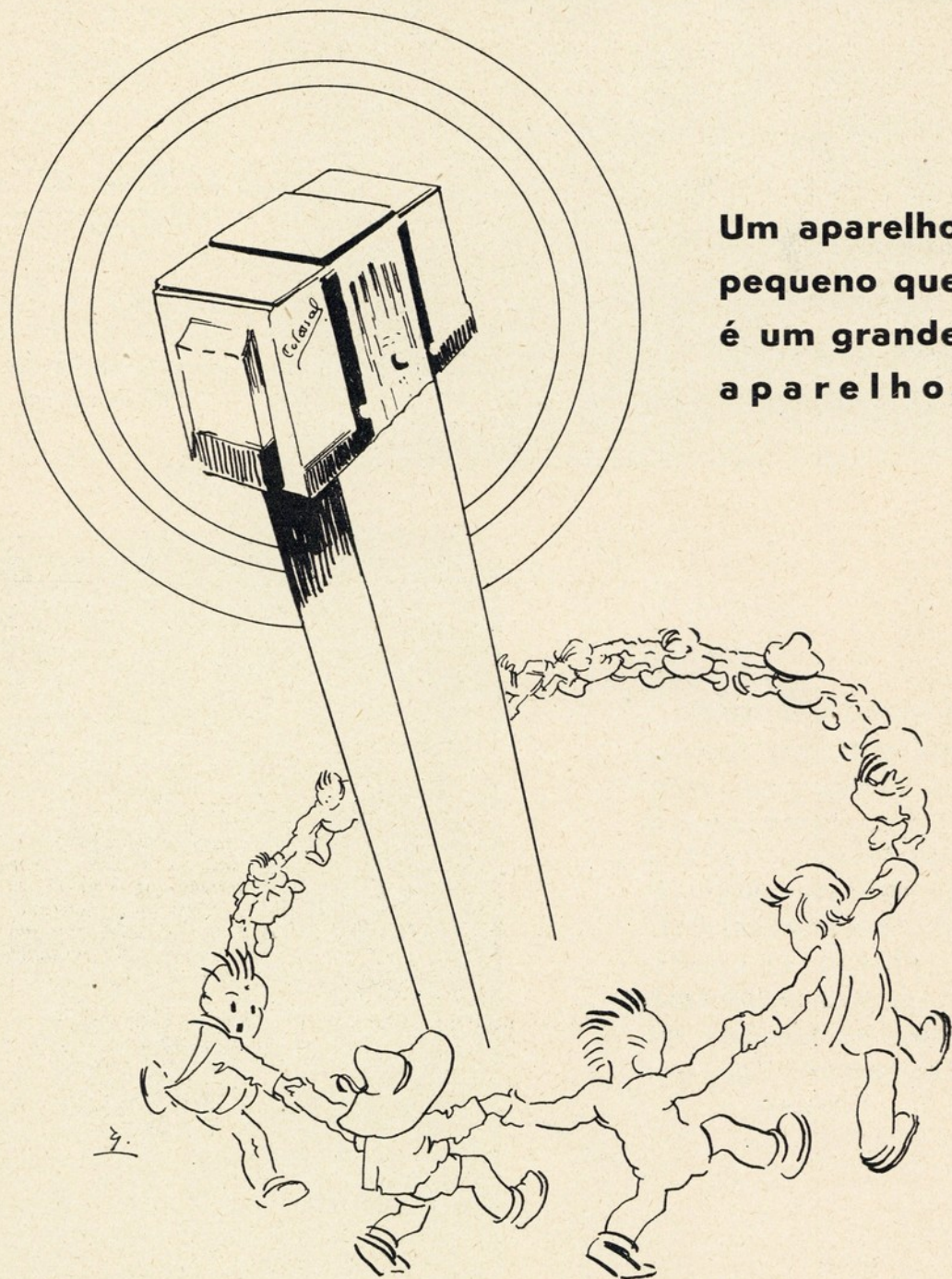
Um filme extraído da
obra de OSCAR WILDE
e que MAURICE CHAM-
PREUX realizou.

O DIABO SEJA SURDO...
que o Cinema Condes,
de Lisboa, vai apre-
sentar, é uma comédia
encantadora, repleta
de situações engraça-
das, em que reaparece
o admirável cómico
francês Armand Ber-
nard ao lado da en-
cantadora Jeanne
Cheirel.



Distribuição FILMES CASTELLO LOPES, S. A.

COLOSSAL RADIO



Um aparelho
pequeno que
é um grande
aparelho.

Sociedade Comercial Luso Americana, L.^{da}

LISBOA — Rua da Prata, 145

PORTO — R. Sá da Bandeira, 339

António Luiz Lopes

Atrás do sucesso monstro que fez no Brasil, «A Severa» foram lá os seus intérpretes. Compreende-se. O réclame fôra colossal, quizeram aproveitá-lo. É humano.

Dina Tereza cantou fados. Dina Tereza canta bem e fica-se por aí, no que só mostra inteligência e senso comum.

Mas depois foi António Luiz Lopes. Não sei se é bom toureiro, porque não vou a touradas. Mas vi «A Severa» e vi os «Campinos». E, francamente: como actor ou realizador de cinema, António Luiz Lopes só pode servir para fornecer caricaturas fáceis aos nossos autores de revistas.

Pois muito bem. António Luiz Lopes pensa de outro modo. E entre várias tropelias de menino travêso, numa entrevista concedida no Brasil ao «Diário Português» queixa-se de que a sua não actuação na «Severa» se deve apenas a Leitão de Barros. E afirmando ter realizado «Campinos» para rectificar o juízo que, a seu respeito erradamente formou a crítica, diz:

«Nem para outra coisa eu tomei a peito conceber, dirigir e filmar essa nova produção da cinematografia portuguesa. Nela apareço tal qual sou: — um temperamento viva, ardente, um tanto aventureiro e boémio, ou «marialvesco» se assim o quiser, — mas eu. Quem assistir ao meu trabalho em «Campinos» adquirirá desde logo plena certeza de que eu fui completamente manivelado no «Mariaiva» de «A Severa».

«Devo informá-lo, já agora que a impressão a meu respeito era a mesma, em Portugal, até à «première» do filme que agora trago ao Brasil. Desde aquela hora, porém, desfez-se o êrro de visão e o meu sucesso foi tal — que até Hollywood me acenou com as propostas mais sedutoras...»

E são três longas colunas de jornal por êste teór.

Ora, francamente, isto não está certo, não está mesmo nada certo. Que António Luís Lopes se considere um génio, um portento, a oitava maravilha do mundo, não é, bonito, mas é talvez tolerável.

Agora que vá ao estrangeiro crear, conscientemente, a opinião de que Portugal é um país de cretinos onde se não distingue o êrro do acêrto, ou o talento da incapacidade, isso é que já é mais sério, mais triste e mais grave.

É vulgar, para defender êsse espectáculo bestial e sujo das lides taurinas, dizer-se que entre os homens que picam bois — e neles mantem, propositamente a hereditariiedade selvagem, com o único intuito de os picar — se esconde o último lampejo de fidalguia portuguesa.

Triste fidalguia então!

Mais adiante, na sua triste entrevista, o senhor Luís Lopes diz:

«O México, onde estive, há cerca de três anos, é uma terra encantadora. Demorei lá seis meses. A minha popularidade tornou-se tal, na realidade, entre aquela boa gente, que eu fugia de andar na rua. O povo aplaudia-me como se eu estivesse na praça, a tourear. Em Cuba, onde também trabalhei, sucedia o mesmo. E aqui lhe vou mostrar, já agora, a minha velha estima pelo Brasil. Ao cabo da primeira tourada em que, ali, tomara parte, como eu me expressasse em português — muito embora fale correntemente em espanhol, que é a língua da terra — um dos meus admiradores, por sinal era uma senhora, perguntou-me:

— O senhor que é: brasileiro ou português? E eu respondi-lhe: — «Sou português e brasileiro».

— Como assim?! —olveu a dama.

— Muito simplesmente. Porque, sendo embora Portugal e Brasil duas nações independentes, a raça é a mesma — e eu julgo-me, assim, cidadão das duas pátrias irmãs.

Escusado será dizer, meu amigo que a dama concordou comigo. Era mulher e eu — um toureiro».

Não se compreende bem porque é que uma mulher é obrigada a concordar com um homem, simplesmente porque êste é toureiro.... Mas enfim.... pode ser que exista uma razão qualquer, patológica, psicológica ou até, quem sabe? fisiológica....

Eu, porém, desconheço-a. Como desconheço o processo subtil de ser, ao mesmo tempo, chinês e americano, francês e russo ou português e brasileiro.

De onde se deduz que ser toureiro aguça a inteligência.

a u g u s t o a l c â n t a r a

O Cinema visto ao pé

Parábola das 3 verdades por António Lopes Ribeiro —

Como estamos em vésperas da apresentação de «Gado Bravo» nós pensamos em entrevistar António Lopes Ribeiro. Mas isso obrigava-nos a transpor um obstáculo: a aversão que nutrimos pelas entrevistas, feitas do eterno lugar-comum do ora agora pergunto eu, ora agora respondes tu. Resolvemos então a dificuldade pedindo a Lopes Ribeiro o artigo que hoje publicamos.

Pirandello — Espírito Santo dessa Inteligentíssima Trindade que Bernard Shaw e Georges Duhamel completam — disse que havia uma verdade para cada um. E ficou muito convencido que resolvia muito paradoxalmente um dos mais profundos problemas da filosofia. E a multidão dos fieis fechou os olhos, bradando em côro: — Amen! E nunca mais ninguém leu Malebranche.

Tenham paciência mas não concordo com o Mestre. Creio — e vou verificando a minha crença — que, se assim fôsse, a Verdade estaria descoberta. A Verdade, como a Mentira, tão misteriosa e respeitável como ela, é uma aspiração da nossa inteligência. Julgamos aperceber-nos da verdade quando se estabelece o equilíbrio entre a consciência e a sensibilidade. Equilíbrio instável, faz-se e desfaz-se com a facilidade dum jogo de destreza. Para defender uma doutrina, um pensador precisa de treinar-se com a paciência dum malabarista. E quando as coisas conseguem amontoar-se umas sobre as outras sem cair, ele bem sabe que se limita a iludir a gravidade, que continua implacável, indiferente à mentira das suas habilidades.

Se houvesse uma verdade para cada um, haveria a Discussão, mas não a Dúvida. E a gente vive a vida a duvidar.

A minha verdade de agora é esta: há muitas verdades para cada um. Cada coisa toma aspectos diferentes, segundo o «ângulo» que tomamos.

Nisso reside a magia do animatógrafo.

Se tivesse sido inventado por um francês do século XVIII, o cinema teria sido decerto baptisado: *Le Jeu instructif et amusant des Mensonges et des Verités*.

Das relações do Cinema e da Verdade há muito que dizer. Primeiramente, é a Verdade uma das maiores razões do seu interesse. Mas sob dois aspectos antagónicos: uns amam o cinema porque dizem ser ele a arte que mais se aproxima da verdadeira vida, isto é, a arte que nos provoca emoções mais próximas

das emoções reais; outros amam o cinema porque dizem ser ele a arte que mais se afasta da verdadeira vida, isto é, a arte que melhor é capaz de satisfazer as locubrações da fantasia. Essa qualidade fantástico-realista confere à arte cinematográfica possibilidades que nenhuma outra jámais possuiu. Dela resultam a sua universalidade, a simpatia dos intelectuais de variadíssimas escolas, o favor do público de variadíssimos sectores. Porisso um filme, para ser realmente digno do cinema, que quer dizer, para constituir verdadeiramente um espectáculo cinematográfico, precisa de resolver esse problema gravíssimo de compatibilizar os amigos da Verdade com os da Mentira, os realistas com os fantasistas. Isso só se consegue fazendo trabalhar a Imaginação sobre elementos colhidos pela Observação.

Foi o que se procurou fazer em «Gado Bravo». Porisso ele me vai servir de exemplo excelente para demonstrar o que enunciei acerca das relações existentes entre o Cinema e a Verdade.

Começaremos por distinguir três espécies de verdades: a *verdade-verdadinha*, a verdade do cinema e a verdade no cinema, ou seja: os factos a tomar, a forma como são tomados, e a forma como eles aparecem.

A verdade-verdadinha de «Gado Bravo» é o Ribatejo, terra dos toiros e do sol, vasta, saudável, grandiosa, onde vivem campinos e criadores, de almas singelas e ardentes, e onde é possível surgir um conflito como o que constitui a história de um Manuel Garrido e da loira vienense.

Vejamos: qual seria o resultado da aparição em Samora, em Benavente, ou mesmo em Vila Franca de Xira ou em Alenquer duma vampe como a Olly Gebauer? Seria ele muito diferente do que se conta no filme?

Esse resultado verificou-se. E não me pode esquecer o fôgo que tantas vezes vi bailar nos olhos dos que a viam, até nos dos próprios «partenaires» que o nosso escrúpulo ia buscar ao povo ribatejano, adestrado nas lides do campo, e a quem a Olly causava a mais nítida e íntima impressão. Também se sabe, que certas famílias reagiram, embora docemente, sem aparato nem conseqüências, contra a presença da «atriz alemã». E nunca me esquecerei do início de levantamento contra nós esboçado, pelo povo das Cachoeiras, no dia em que abrimos a porta e fizemos tocar o sino da igreja, para filmar o casamento de Branca e Manuel.

Não me parece que, se a Olly, em vez de ser boa rapariga e a companheira dedicada de Nosseck, tivesse os defeitos que o manuscrito atribui a Nina, e ainda por cima «andasse metida» com um lavrador que estivesse noivo duma menina de boas famílias, como a Branquinha da fita, lhe acontecesse outra coisa do que a que previmos....

Demais, a vida do cinema implica, logicamente, a morte da lógica. Se os acontecimentos se desenrolassem no «écran» com a banalidade da vida cotidiana, as salas estariam desertas. O cinema não se conforma com a monotonia das conseqüências habituais. Tem uma rotina especial, feita de conseqüências imprevistas, de reacções originais e de «coups de théâtre». Possui lógica e moral particulares, que não são outra coisa senão a imitação da vida — mas não a cópia da vida.

Chamando ao cinema «uma arte de 2.^a ordem», por ser a imitação duma imitação, Georges Duhamel não quiz ser ou, pelo menos, não foi pejorativo. A meu ver, definiu com simplicidade o refinamento atingido por essa dupla transposição dos factos naturais—da tal verdade-verdadinha relativamente pouco interessante—feita primeiro pelo encenador, depois pelo aparelho de filmar.

Qual foi a verdade de «Gado Bravo»? Seis meses de trabalho intenso, sistemático, em que desfilaram perante a objectiva mágica de Gärtner (eufemismo literário, visto que em «Gado Bravo» foram utilizados oito aparelhos diferentes, tendo chegado a funcionar cinco ao mesmo tempo), tóda a actividade agrícola e taurina do Ribatejo, tóda a vida pitoresca e animada da sua gente, *corsées* por uma história humana e acidentada, onde se entrecrocavam paixões e se definem caracteres.



Lopes Ribeiro e Raúl de Carvalho, pousam para Luís Nunes

Do interesse dela—não há que dizer-vos... Vós a vereis e julgareis. Quero dizer no entanto que ela me parece bem codimentada, como rapsódia pictural e sentimental da vida portuguesa, sob o aspecto que desta vez nos interessava. Não sendo a vida dum bairro, também não é a vida duma região, no sentido restricto da palavra. «Gado Bravo» — nunca é demais dizê-lo — não é um documentário. As fases típicas da vida ribatejana—a apartação, o laçamento, a amansia, a charrua, a debulha da fava, a espera, a enjaulação, o bivaque, a eira, etc.—aparecem todas. Mas nunca como «vedetas», como razão de ser do mais modesto plano. São apenas panos de fundo movimentados, cinematográficos, em frente dos quais as verdadeiras vedetas vivem, a amar e a sofrer, um drama que é de todo estranho a essas operações agronómicas.

Já disse que em vão se procurará na Extremadura a aldeia em que filmamos. E, no entanto, não tem uma esquina nem um telhado que não existam de verdade, numa das onze vilas e aldeias por onde andamos em peregrinação. Proponho-lhe um nome: Vila Nova do Ribatejo, e reclamo um lugar bem situado no mapa-mundi do animatógrafo, esse mapa que reproduz a terra criada pelos deuses da pantalha, coberta pelo céu onde fulguram as «estrelas» com cabeça, tronco e membros.

A segunda verdade de «Gado Bravo» começou em Paris, no estúdio de Neuilly, onde o Lippschitz — um grande, um verdadeiro artista — fez autênticos milagres. Quando virem o cabaret, vasto e elegante, o quarto de Nina em casa de Manuel, os camarins, o

hotel, a varanda, reproduzida fielmente do original de Carcavelos — não podem avaliar o trabalho que tudo isso representa. E pelo facto de se trabalhar em terra estranha, nem porisso se desleixou a veracidade dos ambientes: cenários construídos segundo fotografias especiais, adereços seleccionados escrupulosamente, móveis escolhidos em dez bric-a-bracs e quatro fornecedores dos teatros de Paris, tudo está certo, sem notas discordantes, portuguesíssimo, a cem léguas das «Espanhas» fabricadas em Hollywood, onde nunca faltam elementos nem dinheiro.

Com tudo isto, qual será a verdade no cinema? Não está no nosso feitio fazer elogios prematuros, principalmente às obras em que tomamos parte activa. Não diremos que «Gado Bravo» meta num chinelo «I. F. 1 não responde», «Scarface» e «Raparigas de Uniforme». Que traz um estilo novo, nem que descobre tendências inéditas, daquelas que no écran parecem muito más, mas que não o são, porque o seu autor sabe muito bem o que quer dizer na sua, e que aquilo é bom a valer, embora não pareça. Mas o que é com certeza é um filme honesto, — artisticamente honesto, entenda-se — onde a maior, para não dizer a única preocupação dos seus colaboradores foi fazer uma obra portuguesa de cinema — o que é diferente de querer fazer apenas uma obra de cinema português.

É esta a moral da parábola das três verdades, escrita em Paris, para edificação dos meus compatriotas, aos dezasseis dias de Dezembro do ano de graça de 1933.

V a l a C o m u m

O último número de «Movimento» nem parecia feito por nós. Vinha uma vergonha. Pouco que ler, gravuras sem interesse, disposição gráfica banal — uma miséria.

No anúncio ao filme *Teodoro & C.^a* vinha uma asneira de arromba: dizia-se que a fita era tirada duma peça de Marcel Pagnol.

Uns paranóicos que andam para aí com a mania de que são jornalistas, e que tanto se têm empenhado em nos fazer publicidade (pois não fazem outra coisa que não seja falar de nós) tiveram momentos de alegria intensa. Parece mesmo que se verificaram alguns cheliques.

Mas o mais divertido é que nós sabemos muito bem que *Teodoro & C.^a* foi tirado duma comédia de Nancey e Armont, de modo que apenas nos resta pedir desculpa aos nossos queridos inimigos de termos brincado tam irreverentemente com os seus sistemas nervosos.

■
La condition humaine, o livro de André Malraux que ganhou o último prêmio Goncourt, deve ser filmado dentro em breve na U. R. S. S., tendo como realizador Joris Ivens, um dos autores do filme social *Borinage*.

■
Adolfo Casais Monteiro acaba de publicar um admirável livro de ensaios chamado *Opiniões Pessoais*.

Tratando-se de Casais Monteiro, é absolutamente escusado aconselhar a aquisição do livro; mas como vocês são muito distraídos, aqui fica a recomendação.

Agora vejam lá se se esquecem de o comprar.

■
Inúmeras entidades apresentaram-nos cumprimentos de Boas-Festas.

A todos agradecemos e desejamos as maiores prosperidades no ano corrente, permitindo-nos destacar, entre a totalidade dos amigos, leitores e anunciantes, as seguintes empresas e senhores: São João-Cine, Paramount Filmes S. A., Agência Cinematográfica H. da Costa, Policlínica Central Portuense, Metro-Goldwin-Mayer; D. Ilda Romariz, Lazare Léon, gerente da Metro-Goldwin-Mayer, M. Vieira de Sousa, secretário da mesma empresa, Dr. José Galhardo, Alberto Armando Pereira, secretário da empresa do cinema Trindade e director do nosso colega *Cinema* e José dos Santos Stockler.

■
Julien Duvivier, o realizador admirável de *Allô Paris daqui Berlim* e de *O preço duma vida*, há pouco exibido em Lisboa, trabalha presentemente nos estúdios da Pathé-Natan na realização de *Paquebot Tenacity*, cujo cenário foi tirado da conhecida peça de Charles Vildrac.

Do talento de Duvivier esperamos mais um grande filme.

■
Em Inglaterra houve quem quizesse fazer uma apresentação particular de *O Couraçado Potemkine*, o célebre filme de S. M. Eisenstein, mas as duas comissões da censura britânica proibiram a exibição da película.

Os tresentos convidados para a sessão em que o filme devia ser exibido não se conformaram com a interdição, e resolveram protestar em massa.

Bravo, camaradas.

■
A greve dos operários dos cinemas de Dublin que provocou o encerramento de várias salas, encontra-se já solucionada tendo sido satisfeitas as reclamações dos grevistas.

Ainda bem.

■
Maria Luiza escreve-nos perguntando admirada a razão porque nós não dedicamos ao Natal, ao Ano Novo, às Boas-Festas, etc. algumas colunas da nossa revista.

Ouçã, Maria Luiza: nós, sem termos a mania tãla da originalidade, pretendemos todavia evitar sempre essas atitudes ridículas e acachianas que o preconceito nos aconselha, e achamos demasiado ingênua a ideia de que a felicidade está dependente do calendário.

■
Editorial Movimento, continuando a sua acção de cultura cinematográfica, publicará brevemente em volume, e para bem da Humanidade, todas as asneiras que o senhor Renato Claro tem publicado ultimamente nuns jornalecos que ninguém lê.

Cada volume conterà uma fotografia do autor, no género da que António Botto publicou na primeira edição das «Canções».

■
Na tarde em que Vasco Santana partiu para Lisboa, houve um grande reboliço na estação de S. Bento, provocado por um senhor que entrou a correr, esgazeado e que quando chegou junto do Vasco Santana perdeu os sentidos.

Socorrido no banco do Hospital, declarou ao médico que desmaiara por não ter chegado em primeiro lugar.

■
Rouben Mamoulian que terminou há pouco a realização de «Rainha Cristina» com Greta Garbo e John Gilbert para a Metro Goldwin-Mayer, acaba de receber uma proposta para dirigir as versões francesa e inglesa do próximo filme de Fêdor Chaliapine, o grande cantor russo que fez o «D. Quixote» de Pabst.

■
Greta Garbo andava no estúdio, para trás e para diante. O seu passo incerto e a sua expressão de angústia, fizeram com que alguém lhe perguntasse se era o esforço de se integrar no papel que ia representar a causa do seu estranho aspecto.

— «Não respondeu ela. A única coisa interessante que estou fazendo, é tratar de amoldar aos pés este grandíssimo par de botas que faz parte da minha indumentária em «Rainha Cristina».



Não deixes a porta aberta

é uma soberba comédia musical, inteiramente falada e cantada em espanhol, que a FOX estreia no CINE TRINDADE, do Porto, no dia 16 de Janeiro

A interpretação de RAUL ROULIEN e ROSITA MORENO seria, só por si, um grande atractivo, mas houve o cuidado de os rodear dos melhores elementos contratados da FOX, desde o grande cómico Romualdo TIRADO até ao gentilíssimo grupo de raparigas que se veem numa das fotografias desta página.

O argumento apresenta um caso de «férias matrimoniais» por vingança de uma jovem esposa amada, durante o curto período de uma rápida viagem marítima, na qual se sucedem as mais graciosas situações.

Romântica, lírica, hilariante ao mesmo tempo, «NÃO DEIXES A PORTA ABERTA» será a comédia mais apreciada da temporada.



Distribuição da

Companhia Cinematográfica de Portugal

Vamos criar um club cinematográfico?

Raparigas:

Numa carta gentil, pergunta-me o Armando pela minha saúde que, pouco a pouco se vai novamente afirmando, neste remanso tranqüilo da serra; queixa-se de que pouquíssimas de entre vós corresponderam aos apêlos do nosso «Movimento» para a criação de um club cinematográfico; e pede-me, com tam bons modos que não posso deixar de o atender, apesar da rabugice que isso vai trazer ao meu médico, que vos escreva duas palavras de incitamento.

Se vocês conhecessem o Armando tam intimamente e há tanto tempo como eu, saberiam que êle é destes amigos a que não temos o direito de falhar nunca, porque êle nunca nos falha, qualquer que seja o sacrificio que a nossa amizade necessite dêle. E compreenderieis o prazer com que respondo ao seu chamamento.

Se no meio das minhas palavras alguma vos fôr desagradável, minhas amigas, perdoai, pensando que só a minha amizade por vocês, só a profunda tristeza e o dô infinito que me causa a situação subalterna que na sociedade e até na vida ocupa a mulher portugueza, só a minha esperança em melhores dias, me obrigarão a ser talvez um bocadinho veemente demais, pelo desejo de ser-vos inteiramente sincera e o mais proveitosa possível.

Minhas amigas: «Movimento», revista de cinema e revista do seu tempo, tomou para nome uma palavra que sintetiza perfeitamente o cinema e que sintetiza perfeitamente a geração a que pertencem aqueles que a escrevem e aqueles que a lêem. Pois não é a arte cinematográfica uma arte feita de movimento? Pois não é a idade actual uma idade feita de acção? É sim, minhas amigas. E vocês estão evidentemente deslocadas na nossa geração, porque não teem, nem a coragem das suas opiniões e dos seus direitos, nem mesmo —suprema falta!— o desejo de vêr êsses direitos compreendidos e acatados!

Ora, minhas amigas, êsse desejo é que é necessário criar.

Não um desejo doentio, nascido dos nervos e por êles mantido, actuando por arrancos seguidos de acalmias, altas violências e fundos adormecimentos, exagero em qualquer sentido. Não, minhas queridas, porque um tal desejo nem vos traria honra, nem vos traria glória, nem vos traria proveito, mas apenas

amargura e ridículo. O que vos falta, raparigas, é uma vontade sã, consciênte, reflectida e serena, que nem muito alto suba nem muito baixo desça, antes conserve uma linha média de conduta e actuação, caminhando, vagarosa mas inabalável, para o fim que todas nós temos o direito, mais! temos o dever de ambicionar e conseguir.

Se vocês estivessem como eu estou há mezes, nesta profunda solidão em que à frente dos nossos olhos nenhuma vã e humana agitação se desenrola, mas apenas céu, nuvens, a postura enigmática dos montes e agora uma neve tam branca e tam pura que apetece beijá-la, vocês não deixariam de fazer o que eu faço muitas vezes, nestas horas horas paradas e quietas em que chego a pensar que não vivo: uma descida do pensamento ao nosso íntimo ser invisível de que tantas vezes nos afastamos e cuja contemplação nos dá sempre um pouco de pavor, um pouco de tristeza e um pouco de revolta.

Ah! minhas amigas! O que vos impediu de acorrer com o vosso auxilio e a vossa boa vontade à iniciativa que os meus camaradas do «Movimento» tomaram sobre si levar a cabo, nem foi menos interesse, porque vocês amam o cinema tal e qual como êles, nem foi inferioridade consciênte, porque vocês bem sabem que uma rapariga pode ser inteligente e culta como qualquer rapaz, mas pura e simplesmente o preconceito. O *preconceito*, monstro disforme e feio que tantos males causou já e tantos males causará ainda, infelizmente.... É que vocês pensaram, minhas amigas sem força, que de nada vos serviria fazer parte de um club cinematográfico, se não vos seria possível assistir às sessões privativas, freqüentar as conferências, aproveitar a biblioteca, senão ao acaso das complacências de um mano, armado em guarda-costas....

Foi, ou não foi assim? Foi, eu bem sei que foi.

E agora vocês vão ter paciência e vão pensar um bocadinho nisto: que será de vocês na vida, se todos os vossos pensamentos e todos os vossos actos se subordinarem a essa posição de inferioridade e dependência em que vos colocaram e em que vocês, por falta de coragem, por comodismo, por medo até — quem sabe? — se deixaram passivamente colocar e passivamente se deixam manter?

Vamos, raparigas! Um pouco de reacção nunca fez mal a ninguém e é necessário que vocês comecem!

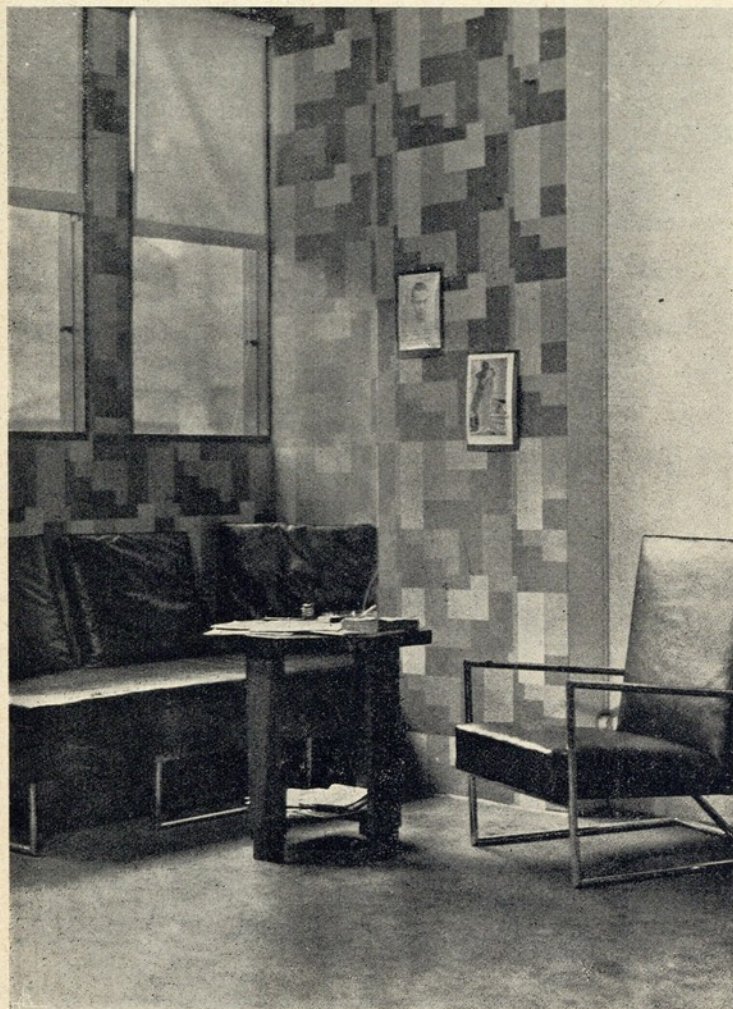
Escrevam aos rapazes do «Movimento»! Sejam, agora, as camaradas leais e sobretudo *iguais* dos rapazes de hoje, como conquista do direito de serem as camaradas e as companheiras leais e sobretudo *iguais* dos homens de amanhã.

Fico esperando o resultado das minhas palavras. E se o Armando me escreve novamente e não me fala com mais contentamento na vossa atitude, então zango-me com vocês e o caso é muito sério!



«Gado Bravo» o filme português que António Lopes Ribeiro realizou e o «Bloco H. da Costa» apresentará muito breve vai ser um sucesso? Não é certo. Mas é provável, tanto mais que o público se encontra um pouco desiludido com os antecedentes da cinematografia nacional. A nossa fotografia mostra Raúl de Carvalho falando às massas como qualquer político barato (quási sempre mais caros, afinal!)

Raparigas e Rapazes aqui está a vossa casa



Muitos dos nossos leitores e, sobretudo, muitas das nossas leitoras nos têm escrito, cheios de curiosidade pela nossa casa. A culpa não a temos nós. Tem-na os nossos colegas que andam para aí a dizer que têm criadas fotogénicas, etc. e tal.

Bom. Mas para acabar de vez com essas coisas, vamos lá a explicações cabais.

Nos baixos da redacção de «Movimento» encontra-se instalada a garagem do *Comércio do Pôrto*. De modo que nós temos de aturar constantemente os barulhos combinados dos automóveis, camions, camionettes e austins que, por não terem morada certa, ali se albergam.

Daqui a nossa propensão à zaragata. E acontece até, muitas vezes, serem os chauffeurs que vêm cá acima reclamar silêncio.

Como vocês calculam, isto não é lugar aconselhável a quem necessite curas de repouso.

Mas em compensação é a redacção mais alegre do país. E como todos os qualificativos em uso (a revista de maior expansão, a de maior tiragem, a mais imbecil, etc.) já estão tomados pelos nossos colegas, andamos com ideias de pôr no cabeçalho do «Movimento», em letras gordas: *a revista que possui a redacção mais alegre da Europa*.

Agora o que nos preocupa seriamente é que cada um de nós dê à palavra «redacção» um significativo especial.

Vamos a ver se vocês compreendem.

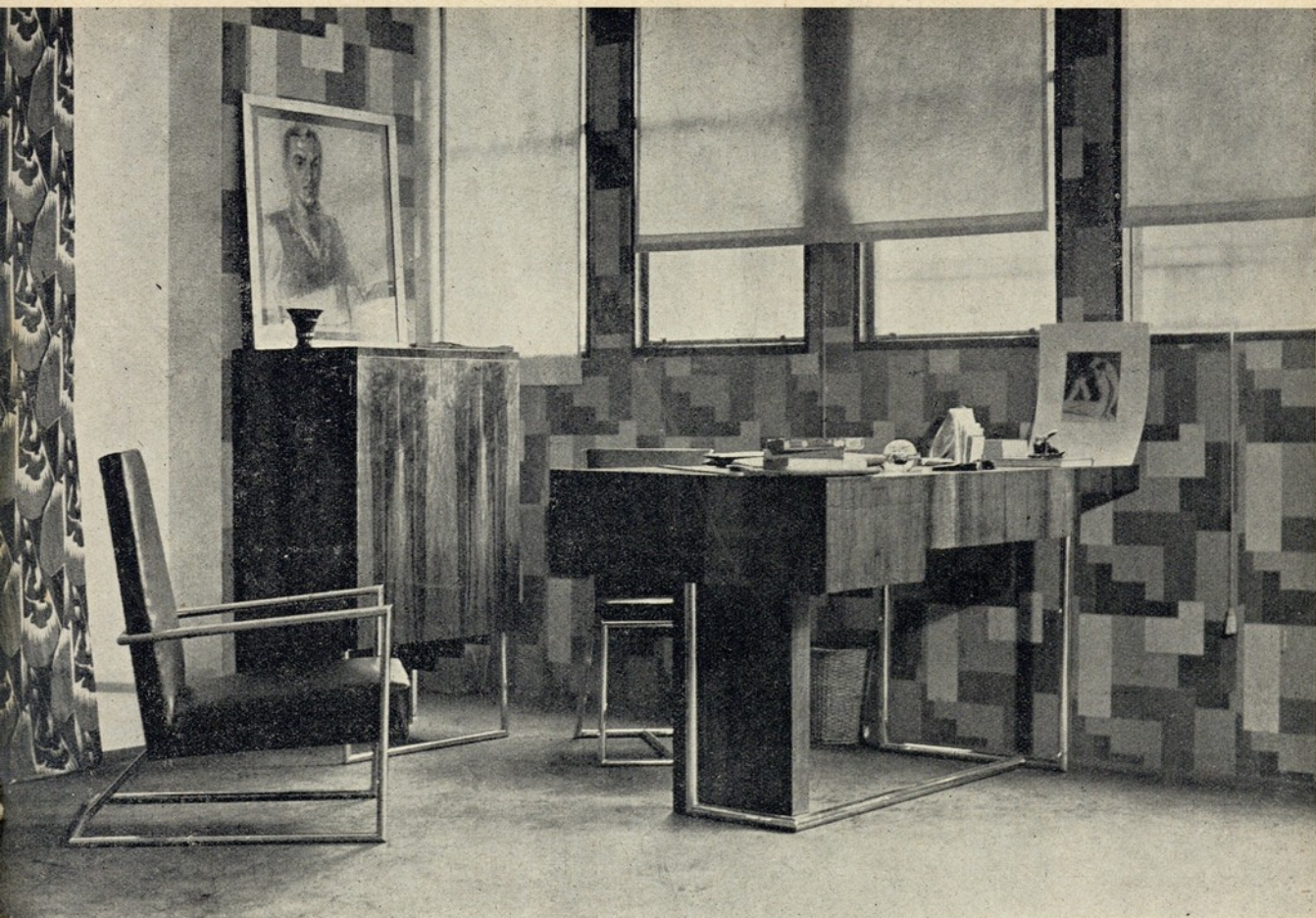
E, para isso, comecemos de baixo para cima, conforme as nossas ideias.

Entre os nossos empregados há um que cresceu depressa de mais. Parece um coqueiro. Esse, que nas horas vagas escreve «découpages» de filmes «para chorar», classifica assim a redacção: *lugar esplêndido para eu dizer graças que, infelizmente, não dão resultado nenhum, às creadas da casa fronteira*.

Outro, que trata da expedição, classificou-a deste modo: *um sítio onde eu «enca-vaco» à primeira pergunta que me façam*.

Então para nós, o caso é muito sério. Para a Marianela é um paraíso pedido (provisoriamente, é claro!)

Para o Armando, um sítio onde se zanga permanentemente, mas sem o qual confessa não poder passar.



O Armando é ótimo. E como, quando este número sair estará em Lisboa, vamos aproveitar a ocasião para lhe dizer algumas verdades amargas, mas merecidas.

E que vocês não podem mesmo fazer ideia nenhuma. O Armando, com aquela carinha de quem não quebra um prato, é medonho.

Um autêntico tirano, pior ainda que os funcionários do Registo Civil.

Berra, barafusta, insulta-nos, pede artigos quando a gente não está mesmo disposto para escrever, exige silêncio quando estamos no melhor do discurso, não tolera a narrativa das conquistas do Alves Costa — um Casanova de trazer por casa! — nem as cantorias do Casais Monteiro — uma lindíssima voz de contralto! — emfim! amargura-nos a alma, só se dando bem com o Médicis. Esse, também, está sempre disposto para o trabalhinho.

Para o Alves Costa, a redacção é um sitio destinado a coisas que não podemos pôr em letra de forma.

Para o Barros que nós chamamos enfaticamente o «Salazar» é: dinheiro para selos, para tinta, para cola, para luz, para o senhorio, para ordenados, e não dizemos mais que o rapaz pode enlouquecer e faz-nos falta (olé se faz!)

Para o Amok, é um sitio onde se pagam multas ao correio. (A propósito: vejam lá se perdem esse vício de escrever sem selo, que o homem até anda magro. Ele diz que é «grippe». Nós, porém, supomos que ele tira à boca para pagar as multas e o que tem é fome!)

Para o Fernando Barros e para o Alexandre Serpa, é uma coisa complicada. Vejam lá se descobrem. Em Lisboa, têm saúdações da redacção. Na redacção, têm saúdações de Lisboa.

Para o Vasco Rodrigues, é um sitio onde ninguém vai nessa coisa de «austeridade».

Para o Luis Guedes é um autêntico martírio. Vocês compreendem. Ser obrigado a ter piada, quer haja disposição, quer não...

Emfim! Cada um de nós encara a redacção de modo particular.

Mas há uma coisa em que todos estamos de acordo. E é que a redacção é a nossa casa, como nós a entendiamos, como nós a desejávamos, como nós, em suma, a sonhamos e a construimos.

Ora reparem nas fotografias.

A da esquerda mostra-nos o que nós chamamos «o cantinho da má língua». A outra, mostra-nos a secretária onde o Armando, nos passa deste mundo para o purgatório, enquanto, olímpico e sereno, de cima do armário das fotografias, o retrato que o Carlos lhe fez nem sequer estremece.

E aqui está. Uma parte da nossa casa. Mas toda ela está, incondicionalmente, ao vosso dispor.



Uma linda fotografia
de Armando Machado
no filme português
«Gado Bravo».

Dorothea Wieck

Quem não se recorda da professora Elisabeth de Bernburgo — essa belêsa indiscreta — como muito bem lhe chamou Augusto de Masilha num artigo de «Movimento»?

Como sabem, a maravilhosa intérprete de «Raparigas de Uniforme» está na América. É de lá, portanto, que chegam até nós estas notícias, que se não têm por si o mérito de nos dar com validade o retrato psicológico da artista, conduzem-nos, porém, a podermos admitir hipóteses mais ou menos verosímeis sôbre a sua personalidade. Donde se pode chegar à conclusão do axioma de Pirandello: «Assim é, e assim parece».

Dorothea Wieck gosta, aprecia o ambiente familiar e foi para ela um enorme desgosto ter de se separar do marido, o barão Ernst von der Docken, cujos afazeres na imprensa berlinense impediram de a acompanhar. Mas a arte como já escrevi, tem exigências de gran-senhora. E foi a uma dessas exigências que Dorothea Wieck não pôde fugir, fazendo maior sacrifício para consolidar duma vez para sempre o seu futuro de artista. A ocasião era única e não podia perder-se — confessou ela. E aceita o contracto para a Paramount. Adora a música, sinceramente, sem snobismos. E talvez seja esta, carísimos leitores, uma das afirmações mais *personais* da artista, visto que o seu tataravô era o grande compositor Schumann e sua bisavó a grande pianista Clara Schumann-Wieck. Detesta o interrogatório das entrevistas mormente quando recai sôbre o regime alimentar. Dorothea Wieck não compreende — ainda bem — o interesse que poderá ter o gostar mais de legumes e frutas e menos de carne, como ela, por exemplo, gosta.

Nos estúdios da Paramount é voz corrente de que nunca viram uma artista compenetrar-se tanto do papel, vivendo-o com tanta intensidade e tam plenamente durante a filmagem. Será difícil mesmo — diz-se — desdobrar nêsse momento a actriz da mulher. Mas depois do trabalho interpretativo ter cessado, Dorothea Wieck torna-se expansiva, alegre, conversando e rindo com todos, porque ela é assim de seu natural.

Além disso, podem os leitores tomar ainda nota dum depoimento — aliás de valor — pois vem da co-directora do filme «Canção do Berço», a senhora Nina Moise.



Companheira de Dorothea Wieck nos seus primeiros tempos de estada em Hollywood, Nina Moise afirmou:

«De todas as estrêlas com quem tenho privado, nenhuma me pareceu ainda tam predestinada para atingir as mais altas e justas consagrações. Em nenhuma, pelo menos, encontrei como em Dorothea Wieck, uma tam encantadora modéstia junta ao mais real talento».

É caso para pedirmos aos americanos que não lhe aproveitem mal as qualidades e não lhe standardizem o talento. Ou não estarão de acôrdo os leitores?

Leia o NOSSO PROGRAMA

«Movimento» criou definitivamente uma situação entre a imprensa cinematográfica portuguesa. O lugar que ganhamos pelo nosso esforço pertence-nos e já ninguém no-lo tira, diga o que disser e faça o que fizer. Chegou o momento de provar aos nossos leitores que ainda não esgotamos a série das nossas possibilidades. Nós somos capazes de tudo aquilo que nos apeteça. Se nós até conseguimos, com inteligência, bom papel, boas gravuras, e uma boa tipografia, fazer uma revista má. Haja em vista o número 13!

O número de GADO BRAVO

A 30 de Janeiro publicaremos um *número especial* destinado a fazer uma pre-apresentação do fono-filme português «Gado Bravo». Este número terá 52 páginas impressas a 2 côres, será ilustrado com inúmeras fotografias da primeira grande produção do «Bloco H. da Costa» e desenhos do pintor Carlos Carneiro, nosso ilustre camarada. Claro, as más línguas têm-se farto de nos cortar na casaca, berando que se trata de um número publicitário. Não rima, mas é verdade!

Os números com «um destino marcado»

Como esta coisa do trabalho mecanizado é contra as nossas convicções morais políticas, resolvemos publicar de vez em quando um número «quási especial» e em que todos nós falaremos sobre um assunto de ante-mão escolhido. Estão dois na forja: um sobre «Artistas do Mundo das Imagens» e outro sobre «Cinema Russo». Estes números que serão maiores e melhores do que os habituais, — tomem nota disto! —: NÃO TERÃO QUALQUER AUMENTO DE PREÇO!!!

Editorial MOVIMENTO

O primeiro «CADERNO DE ELUCIDAÇÃO CINEMATOGRAFICA» encontra-se quási esgotado, estando em vésperas de sair o segundo que, como já se disse, contém duas conferências: a do Fernando Barros, sob o tema «A nova teoria da juventude» e a do Casais Monteiro sob o tema «O significado do cinema». É preciso que vocês comprem o segundo como compraram o primeiro, para nos tornarem possível a publicação dos restantes. Entendidos?

Um número monstro

Finalmente publicaremos, a 15 de Junho de 1934, dia em que a nossa revista completa *um ano*, um número monstro a que resolvemos chamar «NÚMERO DE VERÃO». Que será esse número? A ideia não é nova. Muitas revistas estrangeiras e, entre nós, a «Eva» têm feito isso. Trata-se de um número especial que, além da melhor colaboração e do melhor aspecto gráfico, habilitará os seu possuidores ao sorteio de valiosíssimos prémios, entre os quais UMA CASA, UM AUTOMOVEL, DUAS MOBILIAS, APARELHOS DE RÁDIO, etc. Vejam no próximo número a planta da casa e depois digam-nos qualquer coisa.



Uma cena do filme

TUNEL

Confirma-se, com foros de garantia, a compra para Portugal do exclusivo para exibição do filme *TUNEL*. Podemos até dizer que já se encontra em Lisboa desde a entrada do Novo Ano, assumindo, pela coincidência, uma grande responsabilidade — como guarda avançada de todas as apresentações para 1934 — com todos riscos que lhe advem das suas enormes responsabilidades.

Alguns nomes de muita categoria na imprensa francesa não hesitaram em utilizar todos os adjetivos aplicáveis à cinematografia, demonstrando com isso, ao conceito público, a devida apreciação desta grande obra moderna. Pelo que lêmos, pelo que sabemos e muito mais ainda pelo que vimos, não hesitamos no cumprimento dum dever, bem informando os nossos leitores sôbre a breve apresentação desta grande produção interpretada por artistas franceses, realizada à maneira russa, e que está sendo projectada nos écrans de todo o mundo sob o título-síntese *TUNEL*.

O Preço duma vida — Julien Duvivier, o autor dessa fita admirável, cheia de ironia e cinema que era *Allô Paris daqui Berlim* apresenta-nos agora uma produção de características diferentes, mais forte, mais pesada, num estilo cinematográfico de rara pujança, onde a ironia foi substituída pela observação penetrante dum caso doentio, mas cheio de humanidade.

O preço duma vida não é bem aquilo a que se pode chamar um filme policial.

Não tem por base o caso policial, com suas minúcias de investigação e lógica detectivista, como aparentemente poderá parecer, mas o estudo da estranha psicologia dum tuberculoso, que pratica um crime por *rèvanche* contra uma sociedade que a todo o momento o feria, o insultava, com as suas joias caras, os seus autos, os seus casacos de peles, a ele, pobre, miserável, ignorado, doente com os dias contados.

Duvivier conduziu o filme com espantosa segurança, apresentando-nos primeiro, em leves apontamentos, as personagens e atirando-nos de chofer para a brutalidade do crime, interessando-nos repentinamente pela história, sem os habituais cordelinhos, tam vulgares em filmes chamados de terror.

As *démarches* policiais, a reconstituição do crime, a sátira ao juiz, a fuga alucinante do suposto criminoso, a madrugada nevoenta em que ele se refugia em casa da mãe, em Nancy, tudo, tudo está tratado de maneira a colocar Julien Duvivier entre os melhores realizadores cinematográficos.

É todavia na última metade que o filme atinge o seu apogeu.

Perde o carácter meramente descritivo para descer mais profundamente à análise psicológica, ao estudo de caracteres.

Primeiro, a estranha personalidade de Radek, que esse espantoso artista de traços mongóis que é Inkijnoff interpreta estupendamente; depois é uma galeria admirável de tipos: o comissário Maigret, em que Harry Baur nos surpreende com a sua dicção maravilhosa, os inspectores de polícia, o idiota acusado inocentemente (lastimo não saber o nome deste artista extraordinário, que ainda há pouco vimos noutro filme admirável, *o Impedido*) Willy, a amante, o dono do hotel, a prostituta, etc.

Há ainda dois momentos no filme que merecem uma menção especial.

Primeiro, a canção cheia de amarga e mórbida tristeza, onde há um leve tom de revolta e de renúncia, que uma profissional do amor, gasta pelo tempo, canta num ambiente pesado de vício.

Houve quem acusasse esta passagem de demasiado literária. Discordo.

Tudo, tudo ali está certo. A própria suspensão de ritmo foi intencionalmente provocada para nos dar bem o sentir da cantora e a sua influência sobre os que a ouviam, com a sua voz cansada e quente, cantar o verso que coincide com a última imagem do filme: *Tout est gris!*

O outro momento que quero salientar é o da perseguição final, prodígio de montagem que seria o suficiente para consagrar um realizador.

Isto não é uma crítica ao filme, que merecia bem duas páginas, mas simples notas alinhavadas à pressa, que têm por único fim aconselhar a todos os que as lerem a irem ver *O preço duma vida*, que é, sob todos os pontos de vista, um grande filme.

Toto — Jacques Tourner deu-nos um filme equilibrado, muito bem feitinho, evitando as situações teatrais e a graça de mau gosto que abundam em certas produções francesas, especialmente naquelas a que os reclamistas portugueses costumam chamar *comédias parisienses*.

Toto, é uma comediuzinha agradável, com

CRÍTICA DE FILMES

um argumento simples mas muito bem conduzido, situações engraçadas sem caírem na palhacice, e até por vezes com uma fina ironia, como por exemplo na cena do rapaz que vai prêso e que passa por um extenso letrado que anuncia o *A nous la liberté*, de Clair, e valorizada além disso por uma excelente interpretação, um comentário musical felicíssimo e uma excelente fotografia.

Afirmar há tempos que se René Clair falava ao cinema francês, ia tudo por água abaixo.

É com prazer que me penitencio hoje, falando ao público de um grande realizador, Duvivier, e elogiando *Toto*, um bom filme de Jacques Tourner.

O pior é haver muitos *Teodoro & C.ª*...

fernando barros

«Movimento» regista

A crítica deliciosamente humorística de J. N. G. a «O Sinal da Cruz».

*

A inclinação mórbida do nosso camarada Luís Guedes pelas indígenas da Polinésia.

*

A necessária intervenção de dois policias sinaleiros para se dansar no réveillon do São João-Cine.

*

O pedido do colaborador cinematográfico de certo jornal desportivo para que o agridam com violência. E, supondo tratar-se de uma tára, oferece-lhe uma carta de recomendação para o Dr. Elísio de Moura.

*

A paciente compostura com que o público viu as «Violetas Imperiais» até ao fim.

DO PORTO

Se eu tivesse um milhão — Depois do livro dos sete autores, do filme das sete vedetas, eis o filme dos sete realizadores, obra original e curiosa em que estilos diversos se harmonizam e se contrabalançam num equilíbrio inesperado e quasi perfeito. Todavia a soma dos valores de cada um dos elementos que colaboraram em «Se eu tivesse um milhão» não equivale ao valor que o filme na realidade possui, pesado em conjunto.

Dos sete episódios que nos são apresentados, devo destacar os três mais interessantes e mais perfeitos (como realização e como idealização) os três de melhor «dizem qualquer coisa». São eles o da prostituta (repararam no detalhe das meias?), que tudo me leva a crer que seja de Lubitsch, tal é a subtilidade com que

está descrito; o do empregado de escritório (repararam no valor do silêncio?), maravilhosamente desempenhado por Charles Laughton que não chega a pronunciar uma palavra e que me dizem ser igualmente da autoria de Lubitsch; e o do falsificador de cheques, episódio duma humanidade e duma violência aflitiva e oprimente.

Dos outros episódios, todos de bom, mas de mais vulgar estilo americano, o do condenado à morte pareceu-me o pior. É fortemente emocionante, mas é muito literário.

Em conjunto, «Se eu tivesse um milhão» vale menos que em detalhe, mas de qualquer forma, esta obra invulgar é digna de ser vista atentamente por aqueles que no cinema não procuram apenas o «espectáculo». Nesta série de pequenos episódios heterogêneos está todo o cinema americano.

Violetas Imperiais — Há muito tempo, há mesmo muito tempo que não vejo um filme tam mau! Chega a ser inacreditável como ainda hoje há quem faça (e quem tolere passivamente) filmes de tam baixa e vergonhosa categoria, miseráveis e indigestos pela sua realização bafienta e fora de moda, à velha maneira dos dramas franceses e italianos, e ridículos pelo detestável desempenho de intérpretes detestáveis!

Mas é que não há nada que se aproveite. Absolutamente nada. Desde o argumento, folhetinesco e sem valor, até à maquiagem, que deu a Raquel Meller olheiras de Frankenstein, é tudo mau, mas daquele mau insuportável, que faz aflicção...

E ainda nós trocávamos do «José do Teilhado» e do «Ver e Amar»!...

Agora o que é surpreendente (e triste) é que um filme destes tenha conseguido manter-se no «écran», em Lisboa, semanas a fio e, ao que parece, com bastante sucesso! Querem ver que Lisboa e Porto começam a disputar entre si o record da estupidez, da boçalidade e do mau gosto!?

A África é assim — Robert Woolsey e Bert Wheeler não têm entre nós nem uma sombra da popularidade que gozam na América, já porque os seus filmes não são frequentes nas telas dos nossos cinemas, já porque o público português não compreende ou não é sensível ao género de «humour» que eles exploram, o que vem dar razão a André Beucler quando afirma que: «il faut, pour que le rire ait sa vraie valeur, une certaine familiarité entre celui qui est chargé de le déchaîner et ceux qui doivent l'exprimer».

Pessoalmente eu não desgosto deste par de artistas cómicos que coloco entre Laurel e Hardy e os extraordinários irmãos Marx.

Pelo género dos seus filmes e pela sua «maneira», Robert Woolsey e Bert Wheeler aproximam-se mais dos irmãos Marx sem todavia se elevarem até eles. Um e outro personificam a estupidez. Não a estupidez saloia de Laurel e Hardy, mas a estupidez pedante e a estupidez ingénua. Nisto diferem também dos Marx, que são oportunistas, ultrapassando as fronteiras da loucura desenfreada, quando Woolsey e Wheeler se limitam a tocar de perto, e só por vezes, essas mesmas fronteiras.

Em «A África é assim», que é um filme irregular, os «gags» brotam muitas vezes do diálogo (o que é pouco cinematográfico), mas as situações cómicas apresentam-se, aqui e além, bem imaginadas e são tanto mais intensas quanto mais se afastam do provável e do verosímil (cena do urso e cena do éco). Infelizmente não se encadeiam ininterruptamente, o que ocasiona lacunas em que o disparate e o efeito cómico se apagam.

A não superioridade de Franziska Gall em relação a Lillian Harvey, Clara Bow ou Anny Ondra, o que muito nos afligiu.

*

O perigo em que «Cinéfilo» esteve de se esquecer de Alice White e Vivienne Osborne, o que, francamente, era uma pena.

*

A odiosa desfaçatez com que uma revista do Porto rouba a Murnau, que já morreu, a autoria do seu filme «TABU».

*

A facilidade que traz o uso de um pseudónimo ou de simples iniciais ao senhor A. da C. para dizer cretinices.

*

A louvável atitude da «Tobis», não pensando ensaiar, por enquanto, qualquer cançoneta.

Estação de Serviço

SALA DE ESPERA

Vamos cá a saber: vocês costumam ler as biografias das «estrelas» cinematográficas e essas histórias mais ou menos novelêscas, pretendendo revelar segredos, intimidades ou escândalos de Hollywood, que tantas revistas de cinema publicam com frequência?

Costumam... muitos de vocês costumam, eu sei.

Pois fazem muito mal. Com isso não aproveitam nada nem aprendem a querer ao cinema como êle o merece. Convençam-se disto.

Vocês devem desinteressar-se por completo das alcoviteirices do cinema. Noventa e nove por cento do que vos contam essas histórias novelêscas, revelando a vida íntima das «estrelas» do écran, é o produto da fantasia dos agentes de publicidade dos próprios artistas ou das empresas produtoras para as quais trabalham; é tudo falso, é tudo mentira.

Mas ainda que isso fôsse verdade, porque vos interessais por essas intrigas de soa-lheiro, por essas biografias mais ou menos complicadas, mais ou menos romanêscas? É inferior êsse interesse. E é esteril.

Gostar de cinema não é conhecer as manias da Clara Bow, nem saber de cor a história dos amores de Jean Harlow, nem estar ao facto do número de vezes que a Greta Garbo toma banho... Tudo isso é ridículo e indigno de vocês.

E vocês, que são raparigas e rapazes inteligentes, compreendem isto muito bem. Mas às vezes esquecem-se... e é isso que eu não quero.

É preciso que tôda a vossa amizade e todo o vosso interesse pelo cinema se desprendam dessas coisas parvas e inúteis, que afinal nada teem que vêr com o cinema.

Até hoje, a maioria daqueles que leem revistas cinematográficas não se importam de saltar sobre um artigo visando qualquer problema sério, sobre qualquer artigo falando da obra dum Pabst, dum Clair ou dum Pudowkine. Mas escandalozinho de Hollywood é que não perdem. Ora, é preciso que vocês façam o contrário. E fá-lo-ão, não é assim?, porque vocês teem a cabeça no seu lugar e para mais alguma coisa do que para colocar o chapéu...

EXPEDIENTE

CINÉFILO DOS 4 COSTADOS—E eu a julgar que você tinha desertado!... Você, afinal, deixou-me ficar mal com o seu prolongado silêncio... Transmiti ao Luis Guedes os seus parabens pelo seu artigo «O Mundo do Cinema». Você leu a piadinha que êle lhe deu no número anterior?... Bravo! O seu desejo de incutir à juventude o gôsto pelo cinema, nesses artigos zitos que publica nas páginas infantis dos diários, só é louvável. Quando saírem mais coisas suas, mande-me os recortes para eu ler, porque, devo confessar-lhe, quási nem olho para os cotidianos... E obrigadinho por tôda a propaganda do «Movimento» que você possa fazer. A pergunta que me faz no seu P. S. não respondo, porque eu próprio tenho dúvidas sobre a maneira de pronunciar êsse nome.

PRÍNCIPE DE PICKFAIR—Não agradeça coisa nenhuma, você não me tem dado o mais pequeno incômodo. Bravo! Você foi dos primeiros a aparecer oferecendo o seu apoio para a criação dum club cinematográfico. Se nos ajudarem, verão como isto vai para a frente, a valer. Você tem certa razão no que diz no

fim da sua carta. O perigo da pateada ou dos aplausos, nos cinemas, é que a maioria do público iria premiar com palmas as peores realizações e bater com os pés durante a exhibição dos melhores filmes... Imagine como seria triste ver três quartos duma plateia aplaudindo qualquer «Tarzan» ou pateando «14 de Julho» ou «Os Irmãos Karamazoff». Pessoalmente também considero «A Canção de Lisboa» um filme bastante fraco e pouco merecedor de aplausos.

MADemoiselle INSENSÍVEL—Já não me arrepio com o seu pseudónimo. Desde que a temperatura no Pôrto dá passeios até 5 a 6 graus abaixo de zero fiquei empedernido... mas não deixarei todavia de lhe manifestar o meu reconhecimento por ter prometido, de tam boa vontade, fazer a propaganda de «Movimento» e arranjar-nos novos assinantes. De acôrdo com a sua opinião sobre a «Canção de Lisboa». Que mais filmes viu ultimamente? Recomento-lhe «Cavalgada»... se é que ainda vou a tempo. A sua carta para «O Príncipe Negro» seguiu no mesmo dia em que a recebi. Adeus! Desejo-lhe um feliz ano novo e fico esperando notícias suas.

MADemoiselle CINÉFILO VERDADEIRO—Desconfio que você se engana a respeito da minha identidade... Não percebi lá muito bem essa marca-zita sobre que me pede explicações. Eu gostei bastante de «Cavalgada» e não me admiro nada da opinião do seu amigo que não passa dum «cinéfilo de operetas». Ai vão as indicações que me pede sobre «4 de Infantaria» (Westfront 1918) Produção: Nero Film, autor—Ernest Johannsen, cenarista—Ladislau Vadjá, realizador G. W. Pabst, fotografia de F. A. Wagner e Ch. Métain, construções de Erno Metzner, intérpretes: Fritz Kampers, Gustav Diessl, Hans Joachim Moebis, Claus Clausen, Jackie Monnier, Hanna Hoessrich etc. Está satisfeito?

ELISSEN V—Ora essa, está desculpado... Isso do filme já passou à história. Transmiti a A. V. Pinto as suas felicitações, que êle agradece desvanecido. Obrigadinho pelos votos de feliz ano-novo. Até breve.

UMA FEIA—Estou-lhe imensamente grato pela sua carta. Não faça caso dos maldizentes... de resto êles fiam-se nas aparências... e as aparências iludem. O que nos vale é estarmos já habituados a essas coisas... Quando se conhece muito a maquiagem dos actores, geralmente é por incompetência do «maquilleur». O Alves Costa não se referiu a nenhum dos intérpretes da «Canção de Lisboa» por que não entrou em detalhes e... porque não valia a pena... Nêste momento não tenho a direcção que pede. Será muito incômodo voltar a perguntar-me mais tarde? Obrigadinho pela sua adesão à ideia da criação dum cine-club. Feliz ano novo!

APARTADO N.º 13

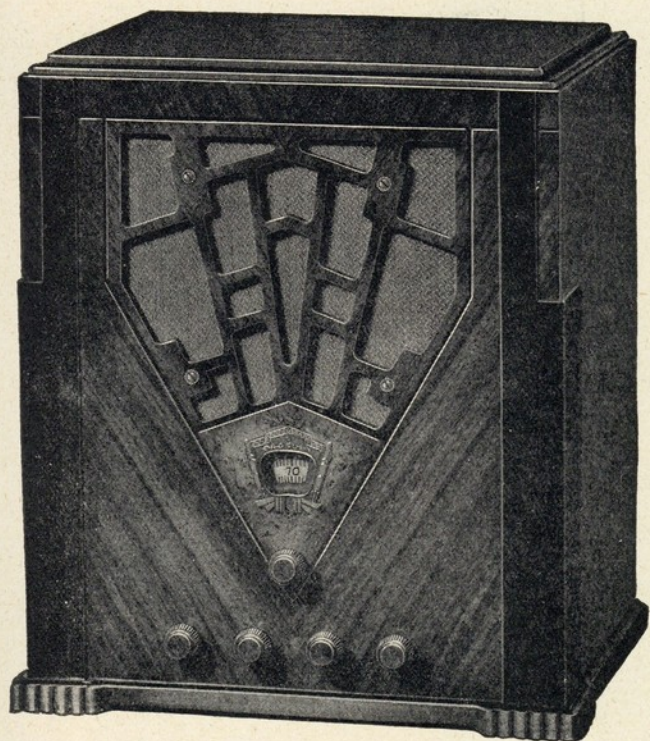
PRÍNCIPE DE PICKFAIR (Pôrto)—Participa a Maria do Céu que terá imenso prazer em se corresponder com ela e declara ficar esperando ansiosamente a primeira carta por meu intermédio.

ELISSEN V (Lisboa)—Oferece uma fotografia de Richard Barthelmess à primeira leitora que lhe escrever.

UMA FEIA (Pôrto)—Acede a corresponder-se com «Cinéfilo Audaz», por intermédio de «Movimento».

CROSLEY - RADIO

A voz do mundo



Novo modelo EUROPEU para as voltagens de 110, 140, 155, 160, 180, 200, 220 e 250 volts

Para ondas de 200 a 2000 metros

Preço Esc. 2.600\$00

O RECEPTOR MAIS
MODERNO À VENDA
NO NOSSO PAIZ

A mais moderna técnica, as mais modernas lâmpadas e a qualidade superior do material empregue na sua construção...

Fazem com que
C R O S L E Y
seja o melhor
r e c e p t o r .

**Compre um CROSLEY e...
comprará o melhor**

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Casa Forte

Rua Sá da Bandeira, 281 e Rua Santa Catarina, 20 — Telefone 2425 — PORTO

Ouçam o Posto Emissor C. S. I C. F. — CASA FORTE



CLAUDIE CLEVES

interpretará

«Tout pour l'amour»

lindíssima fita que
CASTELLO LOPES
vai apresentar

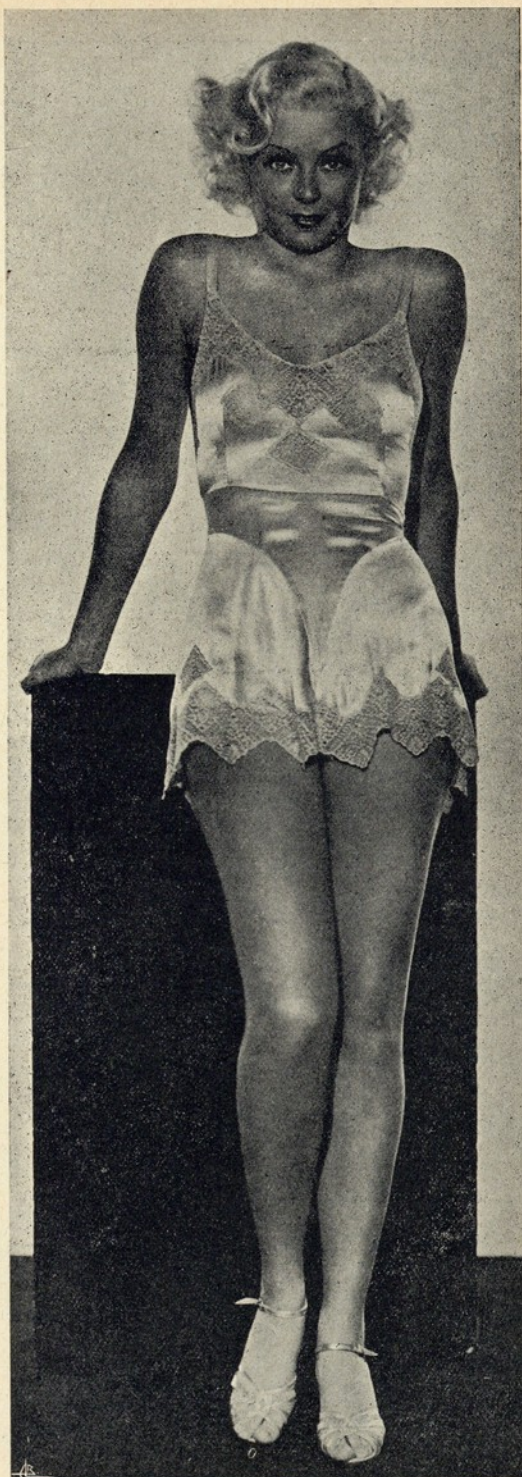
Ninon, quand tu me souris,
Le bonheur fleurit
Dans mon coeur épris.
Ton visage est si riant,
Si attrayant,
Qu'on en chercherait en vain
Un plus divin!

Esta, e outras lindas canções, canta-as o grande JEAN KIEPURA naquele filme com música de JURMANN e KAPER, libreto e diálogos franceses, êstes de LOUIS VERNEUIL.

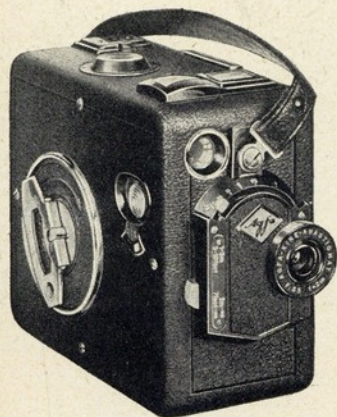
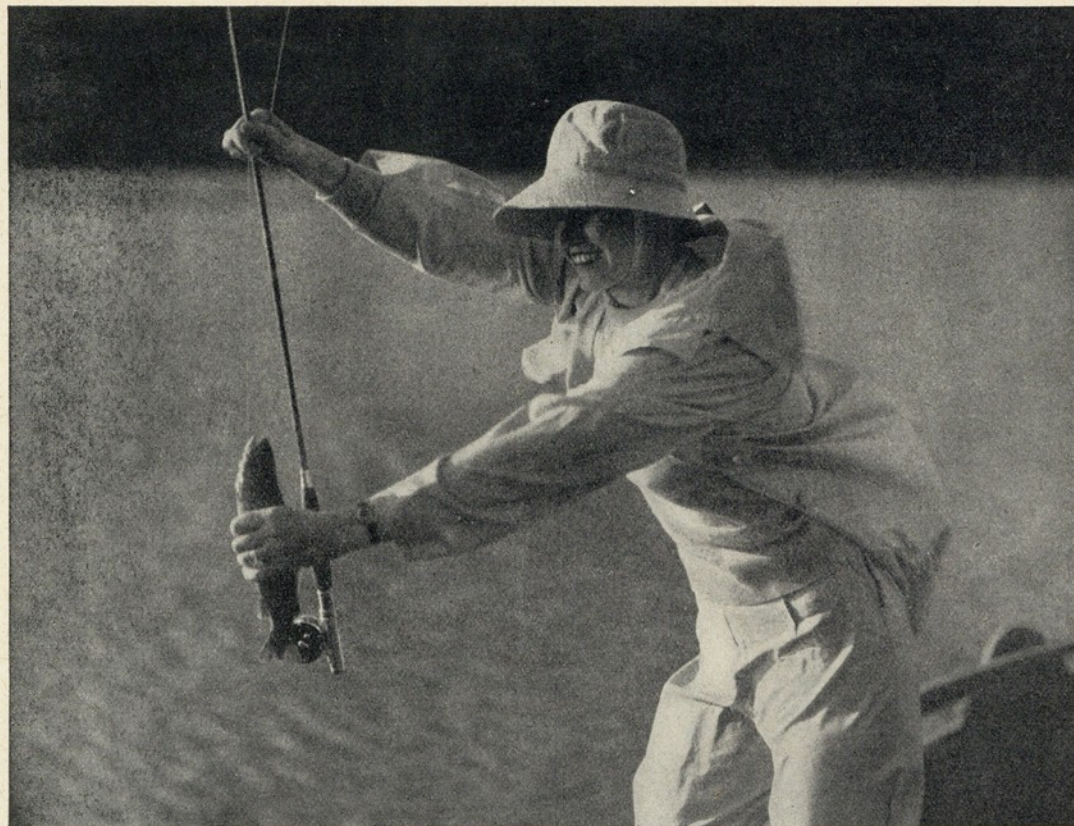
MÁRIO COSTA & C.A, L.^{DA}
RUA DO ALMADA, 30-1.º e 2.º
TELEFONE, 2571 — PORTO

M
U
R
A
L
I
N
E

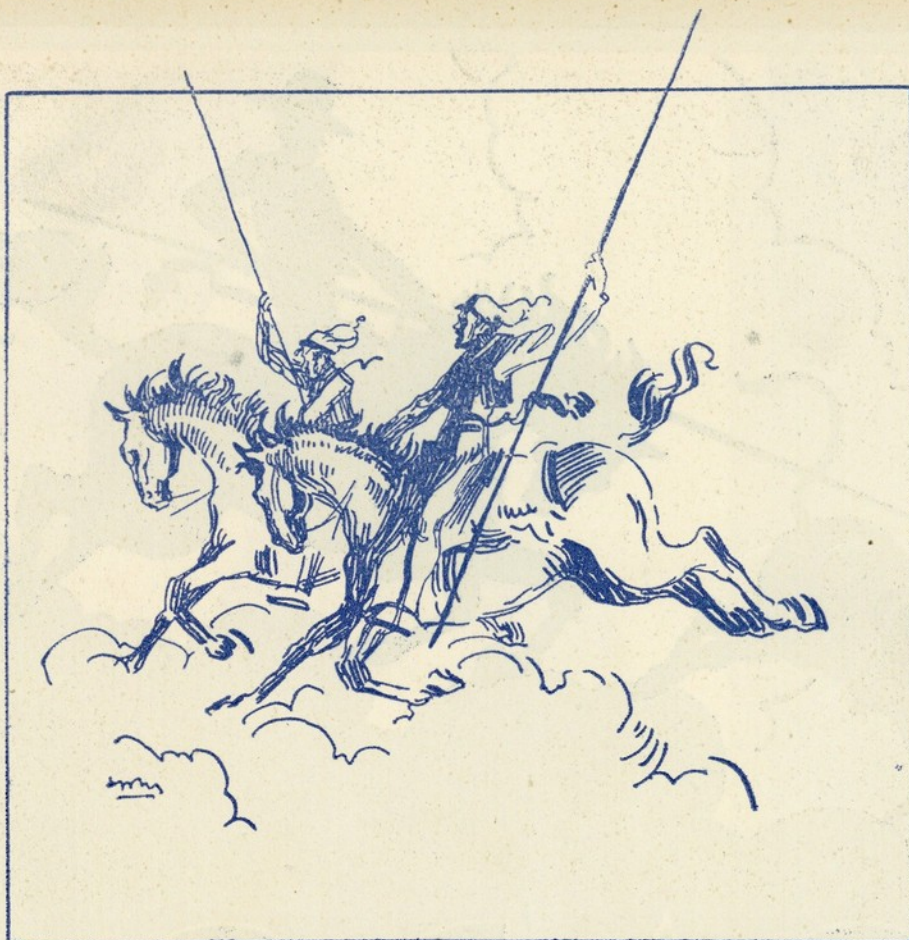
T I N T A A Á G U A



Como o nosso contrato de publicidade acabava e sabemos a predilecção de um dos sócios, resolvemos adoçar-lhe a boca com esta espampanante Toby Wing, da Paramount.



Já experimentou
o **AGFA-MOVEX?**



**EM FEVEREIRO
VEREMOS**

Gado Bravo

Produção do BLOCO H. DA COSTA

Realização de António Lopes Ribeiro



GADO BRAVO

grande filme português